

Data: 06.12.2020

Título: "O corpo, neste momento, está desaparecido"

Pub:



SUPLEMENTO  
ESPECIAL



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 58;59;60;61;62;63

*impar* ENTREVISTA

# Carlos Neto

## "O corpo, neste momento, está desaparecido"

O livro *Libertem as Crianças — A urgência de brincar e ser ativo*, da editora Contraponto, depressa chegará à terceira edição e o seu sucesso deve-se ao apelo que, passados 46 anos de trabalho na educação, o professor continua a fazer, para que pais e escolas deixem as crianças brincar, numa brincadeira livre e ao ar livre

BÁRBARA WONG **texto** | F. FILIPA FERNANDEZ

Área: 2369cm² / 42%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7007951

Data: 06.12.2020

Carlos Neto  
"O corpo, neste momento, está desaparecido"

Título: "O corpo, neste momento, está desaparecido"

Pub:

P  
PÚBLICO

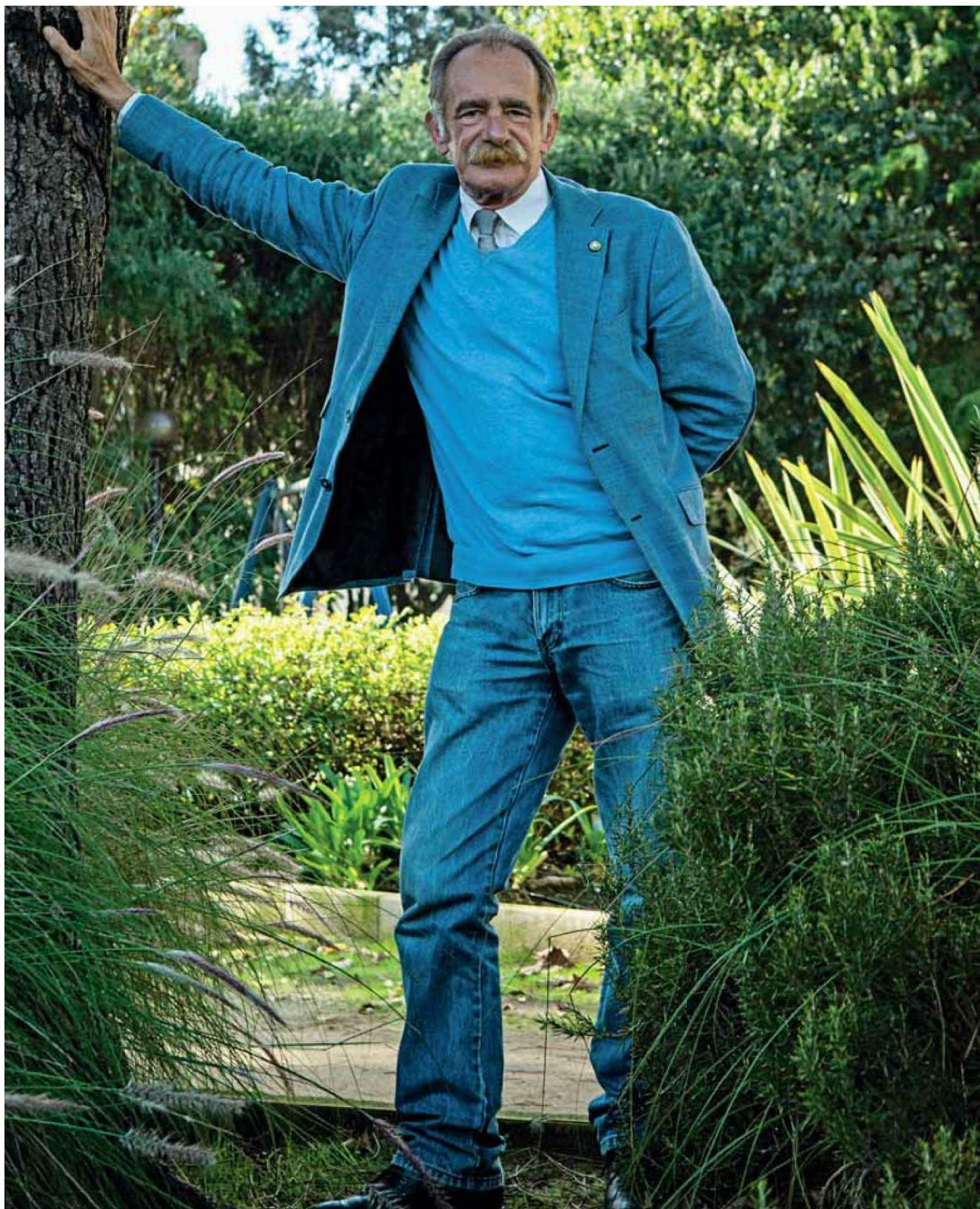
SUPLEMENTO  
ESPECIAL

QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 58;59;60;61;62;63



Área: 2369cm² / 42%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 7007951

rata os alunos por "as minhas crianças". É um dos criadores do Colégio da Torre, em Paço de Arcos, Oeiras, uma escola que desde a década de 1970, quando foi criada, segue o método da Escola Moderna e orgulha-se de os seus ex-alunos, independentemente da área de estudo e profissão que tenham abraçado, terem interesses e *hobbies* diversificados. Carlos Neto acredita que tal acontece porque, na escola, em crianças, lhes foram dadas muitas oportunidades de escolha.

Quanto ao ensino superior – chegou a dirigir a Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, onde dará a sua última lição em Maio, já que os 70 anos de idade levam-no à reforma –, continua a incentivar os estudantes a saber e a explorar mais os seus corpos. O livro *Libertem as Crianças – A urgência de brincar e ser ativo*, da editora Contraponto, depressa chegará à terceira edição e o seu sucesso deve-se ao apelo que, passados 46 anos de trabalho na educação, o professor continua a fazer, para que pais e escolas deixem as crianças brincar, numa brincadeira livre, na rua. Mais: que deixem as crianças arriscar porque só assim crescerão saudáveis.

Num novo mundo sem toque – condição essencial para brincar –, Carlos Neto alerta para o perigo de as crianças estarem "aparafusadas" às cadeiras, num tempo que não só elas mas também os pais passam demasiadas horas inactivos. Para uma vida saudável, é importante dormir bem, comer bem e fazer exercício físico, resume. Se lamenta não a forma como a pandemia nos obrigou a ficar em casa, sem acesso à cultura e ao desporto, não baixa os braços e apela à educação para a resiliência. No final, todos saírem vencedores, acredita. "Tenho uma visão positiva de que nos vamos adaptar a este mundo novo. Na certeza, porém, de que o mediador de tudo isso é o corpo, que é só um."

**Brincar envolve tocar. Com esta pandemia, todos, incluindo as crianças, deixamos de nos tocar. Qual é o impacto na relação?**

A incerteza que este momento da pandemia nos traz está a entrar no corpo das crianças. No colégio, iniciei a minha actividade como professor em Junho e agora em Setembro, e o que observo é que as crianças têm uma necessidade muito grande de rever os amigos, de estar com os professores. Mas estas regras de confinamento levam-nas a ficar na sala de aula, sem oportunidade de ir ao recreio, de se poderem tocar, e isso é um crime.

**Porquê, se é para a protecção de todos?**

Porque não há direito de proibir as crianças de se tocar, abraçar, olhar, ver o corpo dos amigos. Amigos esses que podem estar noutras salas, noutros grupos [que não as bolhas criam].

**O contacto físico é importante?**

Muito. É uma categoria no desenvolvimento humano que é fundamental. Não se pode eliminar o contacto físico entre as crianças. Nas minhas aulas não faço diferença entre o que fazia [antes da pandemia] e o que faço agora. As crianças passam mais tempo sentadas, quando devem ter a oportunidade de ir para o exterior, brincar lá fora. Tirar o currículo da sala de aula para o pôr na rua e vivenciar o corpo numa acção dinâmica, activa.

**É por essa razão que tem uma expressão no livro que diz que, "antes do confinamento, as crianças já estavam confinadas"?**

Sim, já tínhamos taxas de sedentarismo muito elevadas, de obesidade infantil, de doenças como ansiedade, depressão, défice de atenção, hiperactividade, assim como sentimentos de suicídio da adolescência para a idade adulta e a situação agora piorou. Ouço falar das preocupações com a recuperação das aprendizagens escolares, com a saúde mental, mas não vejo ninguém a falar sobre a situação actual em que se encontram os corpos dos portugueses. Principalmente nas primeiras idades – o sedentarismo, a inactividade física e também a iliteracia motora.

**Escreve que as crianças estão a tornar-se "totós" a nível motor.**

Noto que as crianças regrediram. Havia habilidades motoras que faziam em Março [antes da pandemia] que deixaram de fazer; aumentaram de peso e ninguém está preocupado com isso.

**É a sua experiência com as crianças do colégio?**

Sim, já não via as minhas crianças desde Março. Há, com este modelo de regresso à escola, uma situação de esquecimento absoluto do corpo em movimento.

**São as contingências da pandemia?**

Sim, mas até à puberdade as crianças têm de ser activas, tocarem-se e brincarem muito. Principalmente ao ar livre. Há 100 anos, com a gripe espanhola, o que aconteceu é que as aulas se fizeram na rua. Hoje, é necessário melhorar os espaços exteriores das escolas. É desolador porque desumanizou-se o espaço, não faz parte do projecto pedagógico e é preciso melhorá-lo para que as crianças possam brincar mais e aprender. Esta pandemia não pode ser considerada da mesma maneira para crianças, jovens, adultos e idosos. As crianças precisam de contacto físico, de poderem olhar-se nos olhos.

**A escola esqueceu-se de que as crianças têm corpo, ou seja, o maior investimento nas disciplinas teóricas não é de agora?**

Sim, o corpo está completamente esquecido na escola. As expectativas que os pais têm habitualmente em relação à escola é a de que as crianças façam aprendizagens escolares. Mas

na escola entra o corpo todo. Esse é um problema geral na sociedade, o da expectativa de que as crianças tenham sucesso académico, e esquece-se que corpos activos dão cérebros activos, que para aprender é preciso ter o corpo a mexer, que o corpo tenha uma dinâmica de confronto com o risco, de responder a desafios. E as crianças não têm desafios nas escolas porque se desumanizou completamente o espaço exterior. A escola vive numa ilha e esta pandemia veio ensinar-nos que temos de reinventar a escola, abandonando os muros para ir buscar conhecimento à comunidade.

**As regras dentro da escola coarctam a espontaneidade das crianças?**

As crianças estão em grupos, têm corredores por onde passam e não podem sair de lá, e isso faz-me ficar angustiado porque vejo que as escolas estão a tornar-se um pouco como hospícios, hotéis, prisões, onde existem regras muito rígidas. Isso cria-me alguma ansiedade.

**As crianças adaptam-se a tudo e são criativas o suficiente para contornar essas regras?**

Não é que elas não tenham capacidade de adaptação, porque têm. O problema é que essas marcas emocionais vão ficar para o resto da vida. Por outro lado, há o impulso natural do organismo em despender energia vital, poder mexer-se de forma desordenada, muitas vezes até de forma caótica e selvagem, mas não está a ser dada oportunidade [a que isso aconteça], porque as crianças estão a ser demasiado policiadas.

**Quais são as consequências?**

Em primeiro lugar, no âmbito da saúde física, ficam com falta de disponibilidade motora, diminuição da sua capacidade de brincar, de usar o corpo em perícias que são essenciais como subir às árvores, trepar muros, jogar às escondidas, aos polícias e ladrões, lutar. Tudo isso está a ser proibido. Há um controlo, um aprisionamento das crianças que já estavam muito aprisionadas devido ao trabalho dos pais e ao termos uma escola a tempo inteiro.

Observamos uma situação muito gravosa sobre o que está a acontecer ao corpo, porque há uma cultura híbrida que se instalou que é, por um lado, o aparecimento de dispositivos digitais, que são muito sedutores e que levam a que o corpo esteja sentado muitas horas, e por outro lado, a uma necessidade de aprender a viver mais devagar, de desfrutar do corpo, de ter mais contacto com a natureza. Nas crianças, a conexão entre o corpo e a natureza tem imensas vantagens, até na criação de dinâmicas imunitárias. As crianças vivem num espaço construído sem acesso ao espaço natural. Temos de criar políticas públicas no sentido de o poder local devolver as ruas às crianças.

**De maneira a que convivam, que se toquem?**

Penso que este vírus veio ensinar-nos a sermos mais fraternos, a termos mais capacidade para acabarmos com uma dimensão egocêntrica da existência e passarmos a conviver e a termos mais dinâmicas de grupo.

Uma sociedade do futuro que é incerta e imprevisível obriga a que comecemos a preparar estes nativos digitais para serem capazes de ter duas coisas essenciais: capacidade de adaptação – motora, cognitiva, social e emocional – e terem uma grande capacidade de criatividade, para se adaptarem a essa dinâmica incerta do futuro. É necessário que as crianças aprendam a trabalhar com problemas complexos, a resolvê-los, terem pensamento crítico – por isso, a filosofia na escola devia ser fundamental –, a trabalhar em grupo numa dimensão cooperativa. Falamos disso desde a criação do Movimento da Escola Moderna e de outras pedagogias alternativas. Interessa derrubar esse conceito de ranking, desconstruir a escola que prepara para os testes, para construir uma escola nova, que tenha em atenção ir buscar e viver o conhecimento por parte do próprio organismo.

**Falta as crianças participarem no processo, em vez de serem apenas receptoras do conhecimento que os professores transmitem?**

As crianças têm de participar no processo educativo. A aprendizagem exige que criemos automatismos plásticos o suficiente para essa adaptação e, acima de tudo, saber comunicar. É preciso acabar com o império das disciplinas, isso já passou, e reinventar uma escola nova.

**Mas não basta mudar a escola, é preciso mais?**

É preciso que o mundo do trabalho seja retornado de uma nova forma. Este pacto de sustentabilidade implica caminharmos para termos um novo conceito de qualidade de vida. A escola a tempo inteiro escraviza as crianças. Há uma assimetria entre o Norte e o Sul da Europa porque os pais, no Norte, a partir das três da tarde, têm tempo para ir buscar as crianças e andar na natureza.

**Isso obriga a uma mudança na forma como olhamos para o mundo do trabalho.**

Os pais, durante a pandemia, tiveram mais consciência do que é estar em família, reaperceberam e ganharam consciência de que é importante ter mais tempo para os filhos, para eles brincarem, sair com eles. A rua está em vias de extinção, digo isto há muitos anos. É necessário a rua ser devolvida às crianças, para que possam brincar, ter amigos e desafios.

**Como por exemplo?**

Caminhar, andar de bicicleta ou a pé e não ser transportado de automóvel. Isto é uma vergonha nacional, as crianças não têm au-

tonomia, não têm participação, são completamente conduzidas, a mobilidade não existe, são constantemente conduzidas. Vêm o território onde nascem e crescem pelo vidro do automóvel. Passam a vida sentadas na escola, no carro, em casa, no sofá. Isto não é bom para o corpo.

O corpo precisa de liberdade, de democracia. No nosso tempo, fazíamos muitas brincadeiras pelo caminho, subíamos às árvores, trepávamos muros, jogávamos às escondidas, tínhamos uma noção de identidade do local onde vivíamos. Isso está tudo a desaparecer. Com esta pandemia, era bom que pudéssemos reavivar esta necessidade de consciência do que é o local onde nascemos e crescemos. Se há algo de importante nas nossas memórias, são as memórias da infância.

**Estes pais já não viveram a infância que descreve. Porquê este medo dos pais em dar liberdade aos filhos?**

Atribuo alguma culpa à comunicação social na forma como deu a entender que havia muitos perigos para as crianças, quando Portugal é dos países mais seguros do mundo. Não há razão para ter medos. Não há mais perigos do que há 30 ou 40 anos. Temos de reorganizar as cidades, repor a natureza para que as crianças possam crescer de forma saudável. Temos de ter uma visão holística e ecológica daquilo que são as necessidades biológicas e culturais do corpo.

**Isso é difícil quando tudo está fechado?**

Sim, as artes e o desporto estão fechados. Ainda que estejamos a viver um momento difícil, temos de desconfinar, porque o corpo tem limites e não vai aguentar muito mais tempo. Esta pandemia do medo é pior do que o vírus. Percebo as decisões políticas, mas o desenvolvimento humano foi para lugar incerto. O corpo, neste momento, está desaparecido. Ninguém fala nisso. Há uma preocupação enorme relacionada com a economia e com a saúde mental, mas temo que o corpo dos portugueses vá ficar numa situação caótica e vamos pagar caro do ponto de vista da saúde pública.

**Qual é a solução quando os ginásios estão fechados e os jardins interditos às crianças, com medo do contágio?**

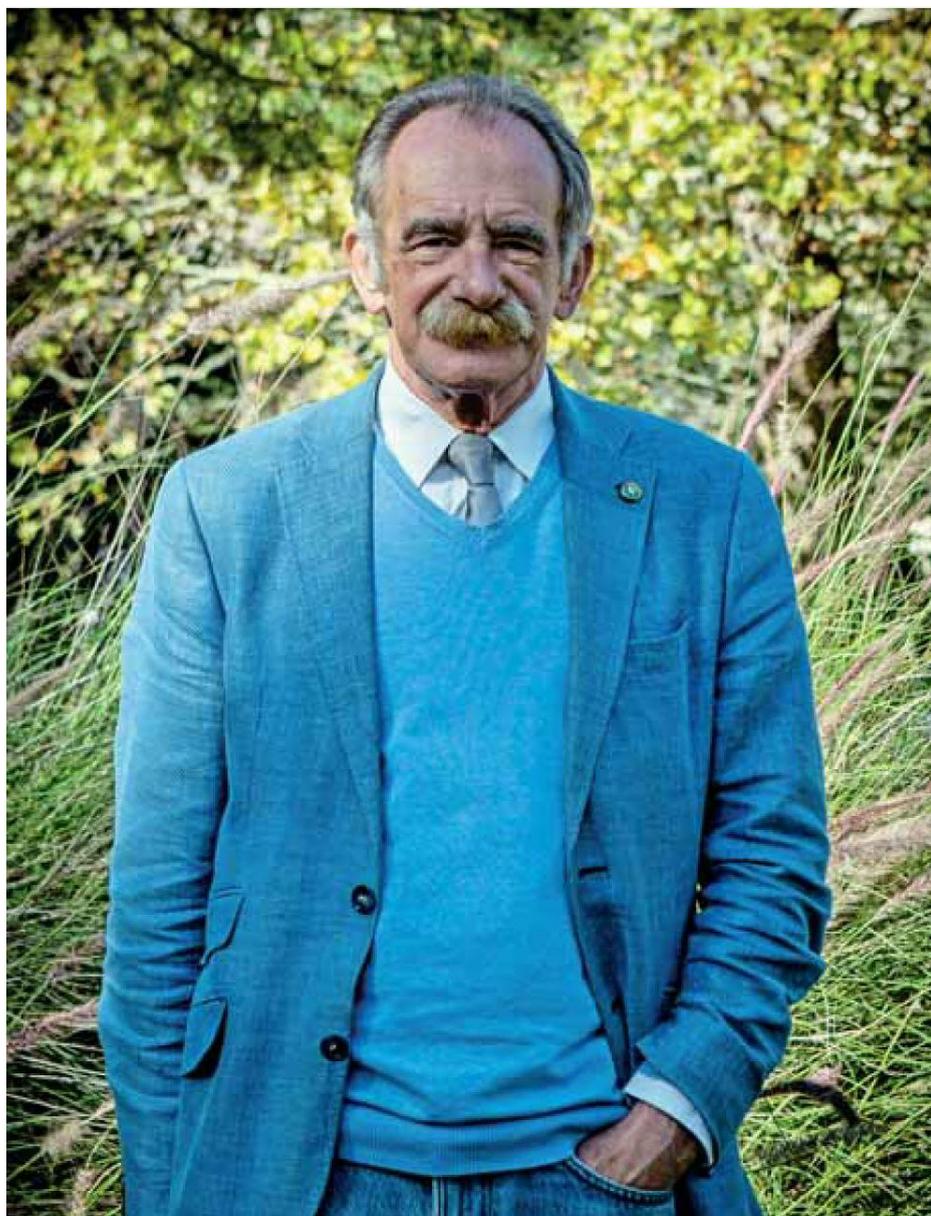
Os pais têm de encontrar tempo disponível para brincar em casa, mas também vir para a rua porque na rua não se passeiam só os cães, passeiam-se também as crianças. De modo a que tenham contacto com o espaço construído e o espaço natural. Todos os dias, se sairmos antes do adormecer, as crianças esquecem-se dos dispositivos digitais, dormem melhor, um sono mais tranquilo e têm outra disposição. Quando estão em frente aos ecrãs ou em actividades muito estruturadas, ficam ansiosas porque não têm *feedback*. É uma espécie de tempo perdido. →

66

**Tenho uma visão positiva de que nos vamos adaptar a este mundo novo. Na certeza, porém, de que o mediador de tudo isso é o corpo**

**Até à puberdade as crianças têm de ser activas, tocarem-se e brincarem muito. Principalmente ao ar livre**

**É necessário a rua ser devolvida às crianças, para que possam brincar, ter amigos e desafios**



**Carlos Neto é um dos criadores do Colégio da Torre, em Paço de Arcos, Oeiras, uma escola que desde a década de 1970, quando foi criada, segue o método da Escola Moderna**

### **O que falta nas cidades para serem mais amigas das crianças?**

Na Idade Média, o adro da igreja servia de espaço de encontro e de brincadeira, e temos de encontrar esse lugar nas cidades modernas, um lugar onde haja essa possibilidade de falar, comunicar e ter entretenimento. Não podemos ter um país triste, abandonado, onde as pessoas não se conhecem, um corpo desconhecido que anda perdido na existência. Temos de nos questionar sobre a razão da existência e esta só tem sentido se tivermos um corpo activo, um corpo vivo, um corpo que sente, que chora, mas que tem a necessidade de se superar.

### **E onde entra a brincadeira?**

Costumo dizer que brincar é ausentar-se, é

procurar simbolicamente estar perto da morte para dar sentido à vida. O desporto é uma forma de confrontar-se consigo próprio, com os outros, com a natureza, para procurar dar sentido à vida. E hoje isso não se faz. Vive-se numa situação intermédia sem gosto e sem sabor. A vida tem de ter sabor para ser bem vivida. Também é preciso escutar o corpo – isso é essencial. É preciso procurar dentro de nós respostas para o que está a acontecer, mas necessitamos de o mexer. Há uma espécie de vaivém entre ter um corpo activo e um corpo em meditação.

Ser activo e brincar muito é o milagre que ultrapassa todas as crenças, religiões, espaços geográficos. Trabalhei no Brasil e em África com crianças que passaram por guerras, fome, violência e muitas conseguiram brincar, o que é curioso. Tinham resiliência e alguma felicidade estampada, mesmo tendo vivido situações cruéis. E vejo as crianças do nosso mundo sem alegria, sem paixão por viver, por descobrir-se a si mesmas, por encontrar soluções para o futuro, porque está tudo pronto na hora, é tudo dado, não há tédio nem frustração. Estes são dois instrumentos essenciais para crescer. Não há riscos.

### **Os pais hoje têm mais formação, mas não são tão bons quanto os das gerações anteriores?**

Temos melhores pais e melhores escolas, temos é outro tipo de problemas, que dizem respeito à capacidade de usar o corpo numa dimensão robusta. Tenho muito receio das crianças quietinhas e sem energia, gosto daquelas que têm boa presença, que são terríveis, impertinentes, essas são crianças fantásticas...

### **... que são um problema para a escola.**

É preciso uma escola nova. As crianças não têm obrigação de aprenderem todas ao mesmo tempo, no mesmo sítio, da mesma maneira. Temos de encontrar uma escola que possa respeitar a diferença. A inclusão e a cidadania são valores fundamentais numa escola do futuro. Há uma percepção errada da presença do corpo e é preciso rever esse conceito.

### **As raparigas e os rapazes brincam de maneiras diferentes?**

Sabemos que há lógicas distintas nas formas de brincar. Há formas predominantemente masculinas, outras femininas e outras para os dois géneros. O brincar tem vindo a evoluir para fazer desaparecer essas diferenças de género, mas essas continuam em todas as culturas conhecidas e estudadas, sabemos que há brincadeiras muito adstritas às características do género.

### **Por exemplo?**

O brincar às mães são mais elas; aos médicos todos brincam. Vejo rapazes a saltar à macaca ou aos elásticos quando estas são brincadeiras mais das raparigas. Elas também jogam à bola.

Obviamente que sabemos que os rapazes são mais propensos a uma actividade física mais forte e as raparigas têm mais fantasia e imaginação, por isso, são mais atraídas para o jogo simbólico, o faz-de-conta, enquanto os rapazes vão mais para as perseguições, as lutas. Entre o jogo social, o simbólico e o de actividade física, nos tempos que estamos a viver, é necessário dar prioridade ao último devido ao sedentarismo.

**No prefácio, o escritor Gonçalo M. Tavares refere que há crianças "sem infância" e, no livro, o professor diz que "é extremamente importante que as crianças tenham uma infância feliz e não uma infância inventada pelos adultos".**

As crianças precisam de ter tempo para serem crianças. Os rapazes são mais intensos nas brincadeiras. Costumo dizer que os jogos de luta e perseguição são dos mais fascinantes de estudo nas primeiras idades. Infelizmente, estão a ser proibidos nas escolas.

**Porque os pais e os professores têm medo que os miúdos se magoem.**

Sim, têm medo da agressão. Esta não tem de ser escondida porque é um parceiro pedagógico fundamental. Esses instintos agressivos precisam de ser educados e as brincadeiras são a melhor maneira de criar uma ética, uma capacidade de referenciar o corpo a saber controlar esses impulsos agressivos. Perseguir e ser perseguido é uma forma de civilizar o corpo, porque há o confronto com o outro para ser amigo dele, são formas inteligentes de se civilizar. O matar o outro com uma espada, esta simulação da morte, é uma preparação para a vida e também para a morte.

**É uma ideia errada pensar que para brincar são precisos objectos?**

O brincar é brincar também com o corpo. A civilização do corpo passa pelo brincar. As crianças ensaiam tudo isso – as lutas, ainda hoje existem guerras – para se prepararem para ser cidadãos de forma plena, no futuro. Para serem crianças que são capazes de enfrentar desafios. Estamos a criar crianças com muita fragilidade física, muita vulnerabilidade e que não são capazes de se adaptar a situações novas. E isso é o maior perigo na educação do corpo. Só se aprende de forma significativa se se tiver o corpo activo. Esta coisa de aparafusar o corpo da criança à cadeira para estar sentada, quieta e calada, é algo que deve desaparecer.

**Não vai ser difícil, sobretudo com esta pandemia?**

Vai ser difícil desconfinar o corpo. Quando falamos da arquitectura das escolas, é preciso desconfinar o equipamento escolar e fazer um ensino com o corpo activo. Ninguém aprende sentado. É preciso que as crianças

sintam o chão, que olhem para os pés. Quando nos sentamos, isolamos o nosso corpo dos outros. A relação humana, a vinculação, a empatia, o afecto é o instrumento milagroso da comunicação e da educação. Os professores continuam a ser educadores porque conseguem criar condições para que as crianças aprendam.

Os pais querem que as crianças sejam gé-nios, mas querem andar com elas agarradas pela mão. Isto é uma perplexidade. Um pai, quando vê a criança numa situação difícil, tem tendência de a proteger, em vez de se afastar e esperar que ela resolva. Uma das maiores aquisições do ser humano é a sua capacidade de superação. Os nórdicos fazem uma espécie de educação espartana, dão muita autonomia às crianças. Estamos 20 ou 30 anos atrasados e temos de caminhar para criar escolas interessantes e desafiantes para as crianças, onde estas tenham prazer e de onde não queiram fugir.

**Com tanto corpo, onde é que fica a espiritualidade?**

Chego ao fim da carreira com a sensação de que nos esquecemos desse valor no âmbito da escola e da sociedade em geral. Por isso, penso que o século XXI tem de ser um século de preparação para uma maior espiritualidade, elegância, uma maneira de olharmos o mundo e o ser humano. Temos bons exemplos de portugueses bem colocados: a maior biblioteca do mundo é gerida por um português, no Vaticano [José Tolentino de Mendonça], e o presidente das Nações Unidas é um português [António Guterres]. Temos um Presidente da República que é um homem culto.

É preciso criar uma universidade e uma sociedade cultas e, por isso, os cientistas – que neste momento estão num certo desespero porque das certezas passaram a viver das incertezas – têm de colocar-se à mesma mesa com a sociedade e dialogar de uma forma inteligente, para que o saber comum também entre na universidade. Para que tenhamos um futuro mais cruzado de conhecimentos e mais espiritual, para que sejamos mais inteligentes, mais humanos e cheios de cidadania.

**É uma competência que falta à escola?**

Sim, temos de encontrar soluções. Não tem de ser uma disciplina, mas um princípio que tem de estar horizontalizado em todo o conhecimento que se produz na universidade para despertar o ser humano para a espiritualidade. Temos de colocar o corpo em risco de se poder contemplar, conhecer, comunicar com o outro e respeitá-lo na sua diferença. Há um gene espiritual dentro de nós que temos de redescobrir. O corpo dá-nos sinais, nós é que nos fazemos de distraídos. O mundo precisa de pensamentos positivos.

“

**Estamos a criar crianças com muita fragilidade física, muita vulnerabilidade e que não são capazes de se adaptar a situações novas**

**Os pais têm de encontrar tempo para brincar em casa, mas também vir para a rua porque na rua não se passeiam só os cães, passeiam-se também as crianças**

**Vejo as crianças do nosso mundo sem alegria, sem paixão por viver, por descobrir-se a si mesmas, por encontrar soluções para o futuro**